

IT'S WAR: AQUILINO RIBEIRO
AND THE GLOBAL CONFLICT

É a guerra: Aquilino Ribeiro e a conflagração mundial

Matteo Rei

Università degli Studi di Torino

Fecha recepción 20.10.2014 / Fecha aceptación 06.04.2015

Resumo

Em Paris, entre 1 de Agosto e 26 de Setembro de 1914, o escritor português Aquilino Ribeiro regista no seu diário as pequenas e grandes transformações que a eclosão da guerra estava a produzir no dia-a-dia da capital francesa, assim como na linguagem e nos conteúdos da propaganda bélica, que das páginas dos jornais passavam às conversas mantidas nas mesas dos cafés ou nos boulevards. O seu diário, publicado em 1934 com o título *É a guerra*, ocupa um lugar de destaque entre as obras literárias portuguesas relacionadas com a Primeira Guerra Mundial.

Palavras chave

Diário, Primeira Guerra Mundial, Paris, Literatura portuguesa

Abstract

This article corresponds to research on Aquilino Ribeiro's book *É a Guerra*, published in 1934 and based on the diary that he wrote in Paris between 1 August and 26 September 1914. The book shows the writer's battle against war propaganda and represents one of the most impressive works about the First World War in Portuguese literature.

Key words

Diary, WWI, Paris, Portuguese Literature

Introdução

Foi no final da adolescência que Aquilino Ribeiro (13/09/1885 - 27/05/1963) tomou algumas decisões que se vieram a provar cruciais para o seu futuro como homem e como escritor. Assim, pouco depois de ter deixado o seminário de Beja, deixou também as montanhas natais da Beira Alta, que mais tarde um romance seu tornou célebres como *Terras do Demo*, e mudou-se para Lisboa. À estadia na capital portuguesa remontam as suas primícias literárias (alguns capítulos do folhetim *A Filha do Jardineiro* e uma tradução de *Il Santo* de Antonio Fogazzaro), assim como os primeiros atos de militância política, entre as fileiras da oposição republicana à ditadura estabelecida, sob os auspícios da monarquia, pelo primeiro-ministro João Franco. Uma militância que esteve também na origem do acidente que provocou uma nova e inesperada viragem do seu destino.

Com efeito, de acordo com a reconstrução fornecida pelo próprio autor no volume autobiográfico *Um escritor confessa-se* (1974), ter-se-ia dado a 9 de novembro de 1907 o encontro, junto ao Rossio, com o dirigente da Carbonária Portuguesa, Luz de Almeida, que lhe pediu para disponibilizar o próprio quarto da Rua do Carrião 3 para guardar duas caixas que continham «artilharia civil», ou seja material explosivo. Aquilino deu o seu consentimento e, alguns dias depois, os homens designados por Luz de Almeida, Gonçalves Lopes e Belmonte de Lemos, apresentaram-se à porta da sua casa apetrechados com pólvora, rastilhos e invólucros de ferro, que utilizaram para fabricar granadas apoiando-se na secretária onde o futuro escritor costumava deixar os seus papéis e livros. Foi neste momento, no dia 17 de novembro, que ocorreu a explosão que custou a vida dos malogrados bombistas, deixando ileso apenas o próprio Aquilino, que, porém, foi logo preso pelos agentes da polícia que chegaram ao local. A notícia foi assim relatada pelo *Diário Ilustrado*: «Ontem, pelas 3 horas da tarde, quando três indivíduos estavam preparando explosivo com fim manifestamente criminoso, houve uma explosão, morrendo dois e sendo o outro preso»¹.

Conduzido ao quartel do Caminho Novo, Aquilino ficou ali detido até ao momento da fuga aventureira que levou a cabo no dia 12 de janeiro, refugiando-se logo a seguir nas águas-

1. “Nota oficiosa”, *Diário Ilustrado*, 37, 12389, 19-11, 1907, 1 (a grafia de todas as citações em português foi adaptada, quando necessário, às normas ortográficas atualmente vigentes). Para a versão fornecida pelo autor, v.: A. Ribeiro, *Um escritor confessa-se (seguido de Lances da minha vida. Memórias)*, 2ª ed., Lisboa, 2008, 187-203. (Prefácio de M. Soares. Nota preambular de J. Gomes Ferreira.)

-furtadas dum prédio pombalino, onde, a 1 de fevereiro, tomou conhecimento do regicídio. Em maio, disfarçado, conseguiu finalmente partir no Sud-Express com o qual chegou a Paris. A sua estadia em França prolongou-se, embora entrecortada por algumas breves interrupções, até setembro de 1914. Foi nessa altura que, já casado e pai, Aquilino decidiu deixar a cidade ameaçada pela ofensiva alemã, levando para Portugal a mulher e o filho recém-nascido. Antes de repatriar, no entanto, teve a oportunidade de observar (e anotar nas páginas do seu diário) as pequenas e grandes transformações produzidas pela conflagração na sociedade francesa e na vida quotidiana da capital. Trata-se dos apontamentos que, vinte anos mais tarde, veio a reunir e a publicar no volume *É a guerra* (1934), que ocupa um lugar relevante entre as obras literárias portuguesas relacionadas com a Primeira Guerra Mundial e que merece, portanto, uma análise cuidadosa.

Do Jardim das Tormentas às Cartas de Paris

As notas de diário publicadas em 1934 integram-se no contexto das experiências que marcaram o primeiro período de permanência de Aquilino em Paris. Este período, como referiu o próprio autor, teve uma importância decisiva para o seu amadurecimento intelectual e humano, como evidencia este trecho de teor autobiográfico: «[Paris] É uma cidade feita para dar a quota razoável de felicidade aos homens, e todos os seus costumes, todas as suas leis, e toda a compreensão das gentes concorre para realizar este desideratum. Paris de resto formou-me; deu-me imaginação; incutiu-me o culto da beleza; bebi sem chegar às fezes a taça de amor que ali se oferece ao voluptuoso; nunca lá adoeci do corpo nem da alma»².

Instalado na capital francesa desde a primavera de 1908, Aquilino não demorou muito a inserir-se na comunidade portuguesa ali residente, estreitando laços de amizade sobretudo com artistas plásticos como Manuel Jardim, Anjos Teixeira e Leal da Câmara. Naquele mesmo ano começou a colaboração com o semanário *Ilustração Portuguesa*: colaboração que durou dois anos, acompanhada, na sua fase final, pela elaboração das «Cartas de Paris» publicadas num primeiro momento em *A Beira* de Viseu e depois no diário *A Capital* (com o qual começou a colaborar após um breve regresso a Portugal por ocasião da proclamação da República). Entretanto a mudança de regime tinha favorecido uma nova interpretação (desta vez apologética) da dramática sucessão de eventos que tinha levado ao exílio do escritor, e o próprio, na sua passagem por Lisboa, forneceu alguns esclarecimentos a este respeito numa entrevista a Jorge de Abreu, publicada em *A Capital* de 10-11-1910. A versão dos factos aqui apresentada acabou por atribuir ao jovem «denodado combatente do Ideal» um papel de

2. A citação é retirada do texto “Como conheci a Grete” que, juntamente com outros trechos de teor autobiográfico, constitui o apêndice intitulado “Lances da minha vida”, inserido como conclusão do volume *Um escritor confessa-se*. V., a este propósito: Ribeiro, *Um escritor...*, *op. cit.*, 326-329, 329. A capital francesa veio a acolher novamente o escritor, desta vez perseguido pela Ditadura Militar instaurada a 28 de Maio de 1926, uma primeira vez em 1927 e depois no período entre 1928 e 1931. Aquilino visitou novamente a cidade em 1961.

liderança tanto no planeamento de ataques contra quartéis da polícia municipal pró-monárquica, como na fabricação dos engenhos explosivos que tinham originado o desastre.

Esta versão veio a ser posteriormente desmentida várias vezes pelo escritor, que já numa carta datada de 1913 a Carlos Malheiro Dias mostrava-se arrependido por não ter mandado corrigir o texto da entrevista «por desleixo e talvez por falta de desassombro em repudiar um parentesco no momento procurado»³. O jornalista Jorge de Abreu voltou a referir, no entanto, a mesma versão no artigo «A bomba a serviço da revolução», que foi publicado em dois números do semanário *Ilustração Portuguesa* (o do 9 e o do 16 de janeiro de 1911). Juntamente com o texto, havia uma rica documentação fotográfica que incluía uma imagem do corpo de Gonçalves Lopes na morgue logo após a explosão, e, na página seguinte, uma fotografia do próprio Aquilino, acompanhada por uma legenda com a seguinte descrição: «o sobrevivente da explosão da rua do Carrião e o célebre evadido da esquadra do Caminho Novo»⁴.

Entretanto o ex-refugiado político tinha-se matriculado na Faculdade de Letras da Sorbonne e tinha conhecido uma colega universitária alemã, Grete Tiedemann, que veio a ser a sua primeira esposa. Foram estas, provavelmente, as razões que o levaram a rejeitar a proposta, feita por José de Almeida, de um lugar como secretário da Legação Portuguesa de Madrid, para poder assim continuar a sua vida como estudante em França. Nesta fase da sua vida, por outro lado, o estudo e a elaboração de artigos para a imprensa não eram as únicas atividades que absorviam o seu tempo e a sua energia. Visitante assíduo da biblioteca Sainte Genaviève (que, para além do conforto das suas «amplos e confortáveis mesas», lhe disponibilizava «um belo núcleo de literatura portuguesa, dom de Ferdinand Denis»), por essa altura o escritor trabalhava também na sua primeira obra de ficção: os contos de *Jardim das Tormentas*. A publicação do livro realizou-se logo no início de 1913, como se pode ver pela dedicatória, da-

3. J. Bigotte Chorão, “Cartas inéditas de Aquilino Ribeiro a Carlos Malheiro Dias”, *Colóquio/Letras*, 106, nov., 1988, 58-64, 62. Para a entrevista publicada em *A Capital*, veja-se: J. de Abreu, “O desastre da Rua do Carrião e a evasão do Caminho Novo. Aquilino Ribeiro descreve-os a um redator de ‘A Capital’”, *A Capital*, I, 133, 10-11, 1910, 1-2.

4. J. de Abreu “A bomba a serviço da revolução”, *Ilustração Portuguesa*, 255, 09-01, 1911, 33-49, 34-35; e 256, 16-01, 1911, 81-86. Pode-se notar que o artigo está contornado por uma série de ilustrações surpreendentes que testemunham o tratamento inédito, em puro estilo *Art nouveau*, de sujeitos como granadas lançadas no ar, bombas com o rastilho aceso envoltas numa nuvem de fumo, explosões que atiram para toda a parte fragmentos de ferro aguçados. A versão do desastre da Rua do Carrião exposta por Jorge de Abreu coincide com a que foi relatada em agosto de 1913 no jornal republicano *A Capital*: «Aquilino Ribeiro, na sua casa da rua do Carrião, iniciado já no segredo dos engenhos infernais, passava horas seguidas a confecioná-los, tendo ao seu lado dois amigos, camaradas de luta e crentes do mesmo ideal. Eram o dr. Gonçalves Lopes e o comerciante Belmonte de Lemos»; veja-se: “Uma página antiga. Os restos mortais de Belmonte de Lemos foram trasladados hoje, no cemitério do Alto de S. João”, *A Capital*, IV, 1081, 03-08, 1913, 1. Desta vez o escritor reage de imediato a esta descrição dos factos, inserindo, no final dum artigo publicado no mesmo jornal a 13-08-1913, esta nota clarificadora: «Seja dito sem prejuízo da lenda – eu nunca soube fabricar, nem nunca fabriquei bombas. Os explosivos tinham sido levados para minha casa na manhã do dia em que se deu o desastre. Eu fui apenas o depositário, por horas e por necessidade»; A. Ribeiro, “A lei dos três anos é uma vitória nacionalista”, *A Capital*, IV, 1091, 13-08, 1913, 1.

tada «Paris fev.[ereiro] 1913», que se encontra no exemplar oferecido pelo jovem escritor ao então muito conhecido romancista Carlos Malheiro Dias, que tinha prefaciado a coletânea⁵.

Poucos meses depois o escritor teve a satisfação de ver a própria obra elogiada por Philéas Lebesgue no prestigioso *Mercure de France*. Na secção «Lettres Portugaises», de facto, o lusófilo francês não veio apenas a retomar a gratificante aproximação, já proposta por Malheiro Dias, com grandes escritores como Eça de Queirós, Anatole France ou Dostoievskij, mas louvou também as «merveilleuses facultés d'analyse» do autor e a «souplesse colorée de son style», colocando-o entre aqueles que considerava os melhores contistas portugueses daqueles anos: António Patrício e Manuel Teixeira Gomes⁶.

Entre os contos reunidos no *Jardim das Tormentas* é pertinente recordar, em relação ao diário de 1914, sobretudo o que se intitula «A Revolução». Caracteriza-o, com efeito, certa atmosfera apocalíptica que o aproxima de outras obras publicadas na iminência da eclosão da Primeira Guerra Mundial, entre as quais referimos, aqui, apenas o último volume (*La Nouvelle Journée*; 1912) do *Jean-Cristophe* de Romain Rolland. A visão, na obra do romancista francês, de uma Europa devastada pelas chamas de um incêndio, onde pairam presságios de guerra, pode ser de facto comparada ao «cataclismo» que esboroa «o velho continente» no conto de Aquilino, embora no seu caso a visão apocalíptica se conjugue ao prenúncio utópico de um mundo pacificado e feliz⁷. Integrando-se no filão de ficção científica que se tinha tornado popular devido a obras de autores como Jules Verne e H. G. Wells, o escritor imagina, neste conto, um futuro próximo no qual o continente europeu teria ficado submerso quase na sua totalidade pelo oceano. Após o sucedido, os poucos sobreviventes teriam dado vida a uma sociedade baseada no respeito e na igualdade, tornando as poucas porções do solo europeu poupadas pelo desastre em ilhas verdejantes de amor e prosperidade.

O resultado da catástrofe teria sido, assim, o de ter tornado os homens conscientes da própria precariedade existencial e, portanto, unidos por estreitos laços de solidariedade. O conto parece, em suma, reformular, no início do século XX, uma ideia, a da fraternidade humana como única solução à ameaça constante duma natureza «madrasta», que se encontra enunciada, com formas e conteúdos não muito diferentes, em alguns dos textos mais mar-

5. Bigotte Chorão, *op. cit.*, 63. Os trechos citados provêm do prefácio de Aquilino ao romance de J. Reis, *Matai-vos uns aos outros*, Lisboa, 1961, que os refere ao interior de um volume rico de informações úteis sobre os períodos de permanência do autor em Paris. Veja-se: J. Reis, *Aquilino em Paris*, Lisboa, 1988, 44.

6. Cfr. P. Lebesgue, «Lettres Portugaises», *Mercure de France*, Vingt-quatrième Année, CVI, 390, 16-09, 1913, 431-436, 434. O elogio dos contos de *Jardim das Tormentas* e a aproximação com a coletânea *Serão Inquieto* de António Patrício, encontram-se também numa carta de Fernando Pessoa ao poeta sevillhano Adriano del Valle (1895 -1957), que data de 14-09, 1923; Veja-se: F. Pessoa, *Pessoa Inédito*, Lisboa, 1993, 323-324. (Ordenação, coordenação e prefácio de T. Rita Lopes).

7. A. Ribeiro, *Jardim das Tormentas*, Paris-Lisboa, 1913, 293. Pode-se comparar o conto «A Revolução» (293-313) com a já mencionada, impressionante visão antecipadora de Romain Rolland: «*L'incendie qui couvrait dans la forêt d'Europe commençait à flamber. On avait beau l'eteindre, ici, plus loin, il se rallumait: avec des tourbillons de fumée et des pluies d'étincelles, il sautait d'un point à l'autre et brûlait les broussailles sèches. À l'Orient, déjà, des combats d'avant-garde préludaient à la Grande Guerre des Nations*»; R. Rolland, *Jean-Christophe*, Paris, 2007, 1451.

cantes do italiano Giacomo Leopardi, como o poema *La Ginestra* ou os apólogos das *Operette morali*. Para além disso, é interessante notar que a profecia de uma humanidade regenerada se relaciona, no apólogo de Aquilino, com o encontro e com a fusão harmoniosa da raça latina e da raça germânica, simbolizadas pelas famílias dos Contins e dos Zorn, cujos filhos se unem em casamento. Uma ocorrência que não só permite ao escritor transpor sob forma de ficção narrativa a experiência do próprio envolvimento com a alemã Grete Tiedemann, mas também lhe dá ensejo para contrastar a ideia, comum naqueles anos e destinada a reforçar-se com a eclosão da guerra, de um conflito entre a *Kultur* alemã e a *civilisation* anglo-francesa. O escritor, com efeito, voltou ainda a manifestar o seu desagrado relativamente a esta ideia no diário de 1914 e, antes disso, nas «Cartas de Paris», publicadas em *A Capital*.

Estas cartas, que apareceram entre janeiro e novembro de 1913, representam um testemunho impressionante da evolução da sociedade francesa nos últimos anos da *Belle Époque*. Encontram-se aqui analisados e registados, de facto, os presságios de uma «vaga patriótica» que, tomando como pretexto a contenda das regiões da Alsácia e da Lorena, tinha o efeito de alimentar sentimentos de represália para com a Alemanha, estabelecendo os pressupostos para o conflito que veio a eclodir no ano seguinte. Assim, no artigo de 21/01/1913, o escritor individuava na eleição do Presidente da República Francesa Raymond Poincaré (homem político apoiado pela direita católica e tradicionalista) a morte da «República pacifista, laicizadora» e a gênese de uma «República de penacho, *revancharde* e aristocrática», considerando portanto tal eleição como um evento «nefasto [...] para todos os que querem e pensam numa humanidade melhor». Uma constatação reiterada no artigo de 10-06-1913, no qual o autor denunciava com tons alarmantes a corrente reacionária dominante em França, que estava «arrastando o País à guerra com a Alemanha», relatando, ao mesmo tempo, a realização de uma «campanha de ódios e de achincalhe contra a Alemanha», conduzida fazendo uso de vários meios de comunicação: do livro à peça de teatro, do folheto ao *music-hall*⁸.

A aumentar as tensões, neste contexto, era a disputa das regiões perdidas pela França após a derrota na Guerra Franco-Prussiana. Estas representavam «o pomo da discórdia» entre as duas nações, que tentavam sustentar o seu direito à posse das terras com princípios como o da «civilização superior», que, para o autor português, representavam apenas uma «matéria para eterna, bizantina e malcriada discussão». E, entretanto, a aprovação da chamada *lei dos três anos* (que estendia o período militar obrigatório para os cidadãos franceses) representava outro empecilho à conservação das relações pacíficas entre os dois países, tendo como consequência a criação de um exército que, na visão de Aquilino, podia «manter a paz», mas psicologicamente era forçado a «aspirar à guerra»⁹.

8. Vejam-se os artigos: A. Ribeiro, “Com a eleição de Poincaré morreu a República pacifista, laicizadora e perde o progresso social”, *A Capital*, III, 891, 21-01, 1913, 1; e A. Ribeiro, “A reação domina hoje em França arrastando o país à guerra com a Alemanha”, *A Capital*, IV, 1028, 10-06, 1913, 1.

9. V. A. Ribeiro “A posse da Alsácia é o pomo da discórdia entra a França e a Alemanha, sendo curiosos os argumentos que dum e outro lado se contrapõem”, *A Capital*, IV, 1049 [1047], 29-06, 1913, 1-2; e: A. Ribeiro, “A lei dos três anos é uma vitória nacionalista”, *A Capital*, IV, 1091, 13-08, 1913, 1. Cfr. também: A. Ribeiro, “A Alsácia-Lorena não quer a guerra”, *A Capital*, IV, 1080, 02-08, 1913, 1-2.

A 20 de novembro de 1913 o escritor interrompeu a sua colaboração com *A Capital*, sem retomá-la sequer nos primeiros meses do ano seguinte. Em relação ao período compreendido entre a última das suas «Cartas de Paris» e a primeira anotação do seu diário de 1914, sabemos apenas que a 26 de fevereiro nasceu o seu primeiro filho, Aníbal Aquilino Fritz Tiedemann. Para além disso, uma notícia publicada em *Le Figaro* do dia 11 de junho cita-o entre os participantes do banquete organizado, no dia anterior, pela associação *Les Amis de Camoëns*, para celebrar o aniversário da morte do poeta de *Os Lusíadas*¹⁰. Um evento festivo que deixa a impressão de que nada ou quase nada, naqueles primeiros dias de junho, deixasse prever a trágica sequência de acontecimentos que se deu depois do assassinato, em Sarajevo, do arquiduque Franz Ferdinand.

Algumas semanas mais tarde, no dia da mobilização geral em França e na Alemanha (a 1 de agosto), Aquilino Ribeiro começou a escrever o diário que posteriormente foi editado com o título *É a guerra*. Trata-se dum conjunto de anotações quotidianas que, com poucas interrupções, continuou a escrever até ao dia 26 de setembro do mesmo ano, dia em que, tendo abandonado Paris e prestes a voltar para Portugal, *garatujou* a última página do seu diário «sobre a mesa pé-de-galo dum hotel de Bordéus»¹¹. Quanto à natureza destes registos, esta encontra-se bem resumida pela indicação que aparece no elenco das obras do autor, presente no paratexto de alguns dos seus livros posteriores: «*É a guerra*: diário da conflagração mundial»¹². Escassas ou nulas resultam, na verdade, as referências à sua vida familiar e pessoal, enquanto que a atenção se encontra quase completamente focada nos dramáticos acontecimentos do primeiro verão de guerra. Acontecimentos, estes, que o autor presenciava pessoalmente, numa cidade que se tornava para ele rapidamente irreconhecível, ou dos quais tomava conhecimento através das notícias que a partir das trincheiras chegavam às páginas dos jornais.

10. O escritor é aqui mencionado como jornalista da imprensa portuguesa: «*Les Amis de Camoëns, réunis pour commémorer le 334e anniversaire du poète, ont donné leur quatrième déjeuner en l'honneur de la Presse parisienne, sous la présidence de M. Victor Margueritte. Parmi les convives: Mme Camilo Froès, le sculpteur Jean Boucher, MM. Xavier de Carvalho, René Ghil, Louis Cochar, président des étudiants français; André Salmon, André Jager-Schmidt, le dessinateur portugais Leal da Camara, Aquilino Ribeiro, de la presse portugaise; Camillo Froès, secrétaire général, etc., etc. / Des toasts chaleureux ont été échangés*»; «Les Amis de Camoëns», *Le Figaro*, 60, 3, 162, 11-06, 1914, 4-5.

11. As citações são retiradas da edição recentemente publicada pela editora Bertrand por ocasião do centenário da Grande Guerra, com um prefácio do escritor Mário Cláudio: A. Ribeiro, *É a guerra*, Prefácio de Mário Cláudio, Lisboa, 2014, 226. A dedicatória que acompanhava a primeira edição do livro era dirigida a António Gomes Mota, que tinha participado com o escritor na assim chamada Revolução do Castelo, a 20/07/1928. Segundo o que o autor aqui afirmava, o seu diário veio ao lume, substancialmente, na forma com que o tinha escrito vinte anos antes: «Este registo vai, mal espanejado do pó dos anos e à parte leves variantes, como o lancei ao papel» (20). Em 1934 Aquilino publicou também *Alemanha Ensanguentada*, diário da viagem à Alemanha feita depois da conclusão do conflito, entre o 20 de setembro e o 17 de novembro de 1920.

12. A indicação «diário da conflagração mundial» encontra-se, por exemplo, na contracapa de: A. Ribeiro, *Caminhos Errados*, 2a ed., Lisboa, 1947.

Convém lembrar que Aquilino era, por essa altura, um jovem pai de família proveniente de um país naquele momento não-beligerante, um estrangeiro residente há algum tempo em França e casado com uma alemã, um republicano antibelicista e um artista dotado de espírito crítico e de uma minuciosa capacidade de observação. Todos estes fatores faziam com que ele se encontrasse na condição de oferecer, através das páginas do seu diário, um ponto de vista de uma lucidez e de uma perspicácia bastante invulgares sobre a conflagração do conflito e sobre a reação da sociedade francesa nas primeiras semanas da guerra. As anotações do seu diário podem, por tal motivo, prestar-se às mais variadas possibilidades de análise e a múltiplos níveis de leitura.

Paris 1914: agosto-setembro

Em muitos trechos do seu diário Aquilino dá conta das rápidas transformações que iam mudando o dia-a-dia da capital francesa após a conflagração do conflito: a desertificação gradual da cidade, os comportamentos irracionais aos quais a população era impelida pela propaganda ou pelo medo, o pânico gerado pelo avanço das forças inimigas e pelos esporádicos ataques de aviões alemães. Paris, despovoada pelo duplo êxodo dos que abandonavam a cidade por medo de um ataque inimigo e dos que partiam para as trincheiras, tornava-se assim numa cidade cada vez mais triste e desolada, ao ponto de despertar no escritor a recordação da cidade portuguesa de Lamego, conhecida nos tempos do colégio, «tão silenciosa que os passantes ouviam os relógios dentro das baiucas mascar o tempo»¹³.

Entretanto, como efeito do clima psicológico instaurado pela guerra, aqueles que permaneciam na cidade demonstravam-se com frequência propensos a uma conduta impulsiva e por vezes ilógica. Com certo assombro o escritor assistia, assim, à devastação dos estabelecimentos comerciais suspeitos de serem controlados por empresas alemãs (como as leitarias Maggi) ou à construção, ao redor da cidade, de fortificações improvisadas erguidas com a esperança de dificultar uma possível invasão inimiga. A incrementar o nervosismo contribuía, esporadicamente, a isolada incursão dum avião alemão, que atravessava o céu de Paris com o objetivo principal de disseminar o pânico entre os habitantes. Os efeitos da apreensão assim difundida tinham, por vezes, o seu quê de ridículo, como no caso do episódio, referido no diário, em que a multidão que fica num *boulevard* a observar de modo ansioso o céu noturno acredita reconhecer a luz de um Zeppelin que se aproxima e descobre, por fim, que se trata apenas do brilho emitido pelo planeta Vénus (cfr. 46-47).

Nas ruas quase desertas surgia, entretanto, «uma casta de gente que era raro ver-se»: trata-se da «população dos falhados, irregulares, maníacos [...] que desce da água furtada solitária para receber a tigela de sopa à porta dos quartéis e casas de assistência»¹⁴. Eram estas as pessoas que o escritor encontrava pelas ruas de uma cidade habitada essencialmente por idosos, mulheres e crianças, e na qual, portanto, a expressão facial das *concierges* podia

13. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 89.

14. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 159.

legitimamente representar «o barómetro moral da França»¹⁵. E, a propósito de barómetros, podemos notar desde já a função desempenhada pela referência às condições climáticas e atmosféricas que com certa regularidade se encontra na abertura das anotações diárias do escritor, correspondendo de forma bastante evidente ao objetivo de estabelecer uma relação (de contraste ou de analogia) entre os dados meteorológicos e a atmosfera psicológica prevalente entre os habitantes da cidade.

A um princípio analógico correspondem assim as referências a um céu funerário, velado de sombras semelhantes a «crepes extensas»¹⁶, ou então «negro» e associado a uma «mortalha»¹⁷, ou ainda, no apontamento de 23 de agosto, «da cor dos canhões que demoliram os fortes de Liege»¹⁸. Mas talvez sejam mais interessantes os casos em que as condições climatéricas oferecem a possibilidade de estabelecer um contraste com a dramaticidade dos acontecimentos em curso, como no caso da anotação amargamente irónica que abre o diário, na qual o autor constata que sobre a mobilização dos exércitos paira «um céu de Pentecostes, para desatar sobre os homens bandos de pombas com ramos de oliveira»¹⁹. Um efeito de claro-escuro emocional que volta a aparecer com um valor algo distinto, no exórdio do apontamento de 7 de setembro: «Dia de céu tão límpido e capitoso que, em despeito de tristezas e lutos, é um regalo viver»²⁰. Esta afirmação deixa transparecer, ademais, a lição moral com que, no entender de Óscar Lopes, nos deparamos em todas as obras do autor, ou seja que «apesar de tudo, a vida vale a pena», ou mais precisamente que, apesar da precariedade dolorosa da condição humana: «a vida é para se defender e querer até ao estalar da última fibra, até ao apagar-se da derradeira luz do instinto»²¹.

Uma mensagem, aquela enucleada pelo crítico, que percorre toda a vasta produção do escritor, associada com frequência, no plano imagético, a uma dialética de luz e sombra que encontra a sua formulação talvez mais sugestiva na imagem que dá o título ao livro de teor autobiográfico *Uma Luz ao Longe* (1948). Fazemos referência à aventura de dois jovens que, presos nos subterrâneos tenebrosos de um colégio, conseguem finalmente descobrir a nesga de luz que lhes revela a saída para o exterior, um episódio em que se apresenta, com efeito, a mesma simbologia subjacente a algumas das anotações registadas em 1914. Trata-se, no caso do diário, da comparação entre o crime de guerra dos alemães que tinham danificado gravemente a Catedral de Reims e a ação de «apagar um fanal no mar escuro»²², ou então da associação entre a verdade, quase completamente submergida pelas mentiras dos *media*,

15. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 149.

16. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 38.

17. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 135.

18. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 143.

19. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 23.

20. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 193.

21. O. Lopes, *5 motivos de meditação*, Porto, 1999, 232, 236. Trata-se de uma mensagem que o próprio Aquilino formula com muita clareza num dos seus últimos romances: *A casa grande de Romarigães* (1957); cfr. op. cit., 263.

22. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 224.

e uma luz cujo brilho mal emerge entre as trevas: «Só no fundo, muito no fundo do subterrâneo é que luz a verdade estreme, e ainda pequenina como pirilampo em noite de breu»²³.

Um escritor contra a guerra

O interesse da obra em análise não se esgota, em todo caso, no pendor descritivo que até aqui mereceu a nossa quase exclusiva atenção. *É a guerra* interessa também, e muito, como tomada de posição contra os horrores da guerra e contra as justificações alegadas tanto pela Tríplice Intente quanto pelos Impérios Centrais para demonstrar a necessidade do conflito. O título conferido ao diário no momento da sua publicação exprime portanto, mais do que uma constatação um tanto tautológica, a clara enunciação do objetivo subjacente à sua publicação: ou seja mostrar o que é a guerra, revelar a sua dramática substância, muitas vezes encoberta e disfarçada pela propaganda bélica e pela retórica nacionalista (a mesma propaganda e a a mesma retórica que, em 1934, estavam prestes a lançar a Europa no inferno de um segundo conflito mundial).

No texto, o antibelicismo de Aquilino emerge, por exemplo, em alguns trechos nos quais, recorrendo ao discurso direto, encontram-se reproduzidos os excertos dum diálogo travado com João Chagas, então ministro da Legação Portuguesa de Paris. O posicionamento do autor em relação à guerra encontra-se aqui, com efeito, declarado de forma muito evidente: «Pelos meus artigos na *Capital*, artigos que Vossa Excelência me deu a honra de aplaudir, sabe que sou contra o chauvinismo, todos os chauvinismos, contra a guerra, todas as guerras, mais nada!»²⁴.

Numa fase em que os opositores se acusavam reciprocamente de terem dado início ao conflito e justificavam a entrada em guerra com o pretexto de se defenderem de uma agressão externa, os apontamentos de Aquilino testemunham, desta forma, o esforço um pouco isolado de um intelectual que não quer renunciar a observar os factos de um ponto de vista o mais imparcial possível. Isto, para o autor português, não significa, de resto, apenas colocar-se *au-dessus de la mêlée* (como incitava a fazer outro determinado opositor do fanatismo nacionalista, Romain Rolland), mas também denunciar, ridiculizando-as, as justificações alegadas pelas diversas nações envolvidas no conflito: «A França bate-se pela civilização e liberdade do mundo; a Rússia pelo exalçamento dos povos oprimidos; a Inglaterra pela salvaguarda dos tratados e honra do império; a Alemanha pela cultura e pela verdade; a Áustria contra a perfídia e pelo direito; todos mais inocentes uns que os outros; todos cordeiros pascais; todos endireitadores do torto e paladinos do fraco»²⁵.

Por outro lado, a ideia que a guerra representasse um conflito entre civilização e barbárie (a que vieram a fazer alusão, com conotação oposta, escritores e pensadores ilustres como Thomas Mann ou Henri Bergson) não podia encontrar a aprovação do autor das *Filhas*

23. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 149.

24. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 57.

25. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 132.

de Babilónia, que a este propósito declara que na época moderna a cultura «deixando de ser apanágio dum povo, se tornou património e indústria universal»²⁶. Um bom exemplo de semelhante difusão da cultura para além das fronteiras nacionais tinha sido fornecido, na *Belle Époque*, pelo êxito ubíquo de alguns músicos e de alguns temas musicais. Assim quando, numa certa manhã de agosto, o escritor afirma ter despertado ouvindo um *orgue de Barbarie* a tocar o famoso tema *An der schönen blauen Donau* (que o próprio já tinha conhecido em Lisboa com o título *Valsa sobre o Tejo*) o facto de ouvir tocar em Paris, após a eclosão do conflito, a composição dum músico austríaco assume, para ele, um valor emblemático: «E o facto me pareceu simbólico e por isso mesmo reconfortador para o meu espírito. Poderão os homens movidos de paixões rancorosas procurar romper os vínculos espirituais que prendem nação a nação. Acima de sua vontade destruidora há uma obra de permutação humana que persiste às vicissitudes do tempo. Chama-se a isso cultura, que nem é apanágio de latinos, nem de germanos, mas cosmopolita [...]»²⁷.

Recusando a ideia de a guerra representar um confronto entre civilização e barbárie, o escritor tenta, aliás, relativizar, no seu diário, as denúncias da «crueldade teutónica»²⁸ que constituíam, naqueles dias, um verdadeiro *leitmotiv* da imprensa francesa. Ele afirma, assim, que a brutalidade não diz apenas respeito a um ou a outro dos blocos envolvidos no conflito, mas sim ao próprio fenómeno bélico. Por isso um dos seus mais frequentes alvos de crítica é representado pelos artigos que exploravam, na imprensa, o filão da «brutalité allemande», injuriando «l'Empire des Barbares»²⁹ e procuravam ocultar, ao mesmo tempo, a universalidade de algumas atitudes desumanas ligadas ao contexto do conflito armado, sem diferenças de raça ou de nação. Por isso, embora sem negar as responsabilidades dos Impérios Centrais nas violências das primeiras semanas da guerra, ao comentar um hediondo crime como o ataque à catedral de Reims, Aquilino escreve: «Dos malefícios de que [a catedral] é objeto não torno, em minha consciência, responsável a Alemanha ou a França, mas o espírito imundo que gerou a guerra»³⁰.

Este firme antibelicismo associa-se, no diário, à oposição várias vezes reiterada à possibilidade de uma intervenção portuguesa no conflito. No caso da entrada em guerra do seu país a preocupar o escritor é sobretudo a sorte daqueles que chama «os meus pobres, ignorantes, pacíficos labregos»³¹. E de facto, alguns anos depois, ao transpor sob forma de ficção narrativa a dramática experiência da participação portuguesa na guerra, Aquilino veio mes-

26. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 43.

27. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 69.

28. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 96.

29. Como exemplo de propaganda antialemã realizada pela imprensa francesa podem-se citar os artigos publicados, na primeira quinzena de agosto, por um dos jornais mais citados (e criticados) pelo escritor no seu diário: *Le Matin*. V. “La brutalité allemande”, *Le Matin*, 31, 11119, 07-08, 1914, 2; “La brutalité allemande et l'amitié franco-belge”, *Le Matin*, 31, 11120, 08-08, 1914, 2; “L'Empire des Barbares” *Le Matin*, 31, 11122, 10-08, 1914, 1; “L'Empire des Barbares – Nouvelles atrocités”, *Le Matin*, 31e Année, 11123, 11-08, 1914, 1-2.

30. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 224.

31. Ribeiro, *É a guerra*, op. cit., 59.

mo a narrar, no conto «Chumbo», a história de um jovem labrego da Beira, lançado no meio dos sangrentos confrontos armados associados à ofensiva da Mosa-Argonne³².

A este propósito talvez não seja descabido mencionar a perturbação do escritor ao ler alguns jornais atrasados mandados vir de Portugal e recebidos a 24 de agosto: «A impressão que me deixaram é que os poderes constituídos e as classes influentes têm da guerra uma consciência anacrónica, quixotesca [...]»³³. O autor parece desconfiar, pelos vistos com alguma razão, que o resultado deste entendimento muito limitado da realidade concreta da guerra, pudesse fazer com que os governantes tomassem a despropositada decisão de lançar no conflito o seu país, que compara a um «Lázaro coberto com as armas de Quixote»³⁴.

As críticas que, sob este aspecto, Aquilino dirige aos jornais portugueses integram-se, de resto, no âmbito do mais amplo debate que, em *É a guerra*, diz respeito ao papel da imprensa na propaganda bélica de todas as nações envolvidas na conflagração, e sobretudo da França. Não surpreende, portanto, que, na anotação que encerra o diário, o escritor associe o desejo de regressar à sua aldeia «dormente» em Portugal à vontade de «nunca mais ler a maldita palavra humana em livros e jornais»³⁵. Quase que, para ele, deixar Paris significasse afastar-se, mais do que das trincheiras e dos combates, da guerra de papel e de tinta pelejada todos os dias nas páginas da imprensa.

32. No conto de Aquilino emergem alguns traços característicos da guerra nas trincheiras: a iluminação artificial dos fogos de bengala, o crepitar das metralhadoras, a «chuva de fogo» dos bombardamentos e, finalmente, a desolação lunar da zona morta incluída entre os dois exércitos, verdadeira *no man's land* em que se abrem «os boqueirões das crateras cavadas pelas granadas»; Cfr. Ribeiro, «Chumbo», *Caminhos Errados*, *op. cit.*, 161-219; em particular: 182, 193 e 195.

33. Ribeiro, *É a guerra*, *op. cit.*, 151.

34. Ribeiro, *É a guerra*, *op. cit.*, 125.

35. Ribeiro, *É a guerra*, *op. cit.*, 227.